



INSTITUTO FEDERAL
Rondônia



CURSO SUPERIOR EM LICENCIATURA EM PEDAGOGIA



INSTITUTO FEDERAL DE ENSINO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
RONDÔNIA
CAMPUS PORTO VELHO ZONA NORTE
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA E
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA NA MODALIDADE A
DISTÂNCIA

GILIANE DA SILVA FEITOZA GOMES

**DIÁLOGOS SOBRE LER E DIZER: Análise a partir do boletim Núcleo de
Alfabetização Humanizadora – NAHUM, sessão “De Professor para
Professor”, contribuições para a práxis pedagógica, período de dez/2020 a
dez/2021**

Porto Velho
2022

GILIANE DA SILVA FEITOZA GOMES

DIÁLOGOS SOBRE LER E DIZER: Análise a partir do boletim Núcleo de Alfabetização Humanizadora – NAHUM, sessão “De Professor para Professor”, contribuições para a práxis pedagógica, período de dez/2020 a dez/2021

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância (UAB) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - *Campus* Porto Velho Zona Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Profa. Ma. Telma Fortes Medeiros

Porto Velho
2022

FICHA CATALOGRÁFICA
IFRO - CAMPUS PORTO VELHO ZONA NORTE

G633d Gomes, Giliane da Silva Feitoza.

Diálogos sobre ler e dizer: análise a partir do boletim Núcleo de Alfabetização Humanizadora – NAHUM, sessão “De professor para professor”, contribuições para a práxis pedagógica, período de dez./2020 a dez./2021 / Giliane da Silva Feitoza Gomes. -- Porto Velho, Rondônia, 2022.

26 f.: il.

Orientadora: Profa. Ma. Telma Fortes Medeiros.

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Superior em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na modalidade à Distância - UAB)

1. Alfabetização. 2. Ler. 3. Dizer. 4. Prática pedagógica. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. II. Título.

CDD: 372.4

Bibliotecária Responsável: Gizele de Melo Viana CRB11/914

Dedico este trabalho a todos que me disseram: “Não desista!”

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus por todas as maravilhas que tem feito na minha vida. Agradeço a minha família pelo apoio e cuidado, mesmo estando distantes fisicamente. Ao meu esposo, por me apoiar, incentivar e possibilitar que eu chegasse até essa etapa.

Agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO e a Universidade Aberta do Brasil (UAB), que trouxeram a oferta do nosso curso. À todos os profissionais, sejam eles coordenadores, professores e tutores, que estiveram envolvidos para o bom funcionamento do curso. Sou grata pelo profissionalismo de todos.

A professora e coordenadora do curso de licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica, Sandra Santos, minha supervisora de estágio, a qual tenho aprendido muito com os seus ensinamentos e sua postura profissional.

A minha orientadora, professora Telma Fortes que me acompanhou nessa jornada de construção do artigo, desprendendo do seu tempo para sugestão de leituras, correção dos textos, apoio e incentivo.

Sou imensamente grata a todos os que nessa trajetória, em algum momento, contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

DIÁLOGOS SOBRE LER E DIZER: Análise a partir do boletim Núcleo de Alfabetização Humanizadora – NAHUM, sessão “De Professor para Professor”, contribuições para a práxis pedagógica, período de dez/2020 a dez/2021

Giliane da Silva Feitoza Gomes¹

Telma Fortes Medeiros²

RESUMO

As considerações apresentadas neste trabalho, tem como objetivo principal analisar os diálogos e a práticas pedagógicas em torno da alfabetização veiculado pelo boletim Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum) *Vez e voz às crianças*, publicado por iniciativa de educadores que promovem debates em defesa de uma alfabetização humanizadora. A periodização eleita abrange o intervalo entre dezembro de 2020 e dezembro de 2021. Isto posto, temos como objetivos específicos, realizar uma revisão de literatura sobre a diferenciação entre o ler e o dizer; identificar a importância e as implicações que essa diferenciação tem para a prática pedagógica e explorar os diálogos envolvidos no boletim Alfabetização Humanizadora, na sessão *De professor para professor* Para a realização da pesquisa utilizou como metodologia, a análise documental, baseada em pressupostos estabelecidos por Ludke (2013). Outrossim, a pesquisa baseou-se em fundamentos estabelecidos por Barjard (2014), Ferreira (2010), Freinet (1996), Freire (1989), Foucambert (1994), Soares (2021) e Vigotskii (2010). Os resultados da pesquisa mostram que uma alfabetização humanizadora, requer que compreendamos a criança com ser sócio-histórico e que para ser alfabetizada precisa se apropriar de atos da leitura e da escrita por meio dos enunciados.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização, Ler, Dizer, Prática pedagógica

ABSTRACT

The considerations presented in this work have as main objective to analyze the dialogues and pedagogical practices around literacy published by the newsletter Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum) *Vez e voz aos Crianças*, published by the initiative of educators who

¹ Formanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância – IFRO – polo Porto Velho Zona Norte.

² Professora Orientadora. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Porto Velho (UNIPEC), Pós-Graduada em Metodologia do Ensino Superior, pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e Psicopedagogia, pela Faculdade Interamericana de Porto Velho (UNIRON), Mestre em Geografia, pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO).

promote debates in defense of literacy humanizing. The chosen periodization covers the interval between December 2020 and December 2021. That said, we have as specific objectives, to carry out a literature review on the differentiation between reading and saying; to identify the importance and implications that this differentiation has for the pedagogical practice and explore the dialogues involved in the newsletter Alfabetização Humanizadora, in the session "From teacher to teacher". To carry out the research, document analysis was used as a methodology, based on assumptions established by Ludke (2013). Furthermore, the research was based on foundations established by Barjard (2014), Ferreira (2010), Freinet (1996), Freire (1989), Foucambert (1994), Soares (2021) and Vigotskii (2010). show that humanizing literacy requires us to understand the child as a socio-historical being and that in order to be literate, it needs to appropriate acts of reading and writing through utterances.

KEYWORDS: Literacy, To read, To say, Pedagogical practice

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferença entre ler e dizer.....	14
Quadro 2 - Conteúdos veiculados pelo boletim NAHum na aba Publicações.....	17
Quadro 3 - Material da pesquisa.....	18

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
2 PRESSUPOSTOS INICIAIS.....	14
2.1 LER E DIZER.....	14
2.2 IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA	15
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	16
3.1 ANÁLISE DOCUMENTAL.....	16
3.2 O NÚCLEO DE ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA - NAHum.....	16
3.3 PERIÓDICOS ANALISADOS.....	18
4 DIÁLOGOS VEICULADOS NO BOLETIM NAHUM EM TORNO DA TEMÁTICA ALFABETIZAÇÃO.....	19
4.1 O USO DOS ENUNCIADOS: POR UMA ALFABETIZAÇÃO QUE HUMANIZA	23
4.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: O FAZER EM SALA DE AULA	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

INTRODUÇÃO

As discussões acerca do tema alfabetização há tempos vem sendo objeto de pesquisa, e não seria diferente, já que se pensarmos estatisticamente, os resultados oficiais dão conta de altas taxas de analfabetismo. De acordo com Queirós (2019, p. 62), a leitura sobrepuja o ato de expor as letras, e aquele que lê, quebra as grades da insulação.

Além disso, para Soares (2021, p. 112), “ler é pegar o texto nas mãos, colocá-lo em contato com os olhos e, no gesto de olhar, pensar e fazer combinações com o que já se sabe, e por fim, construir sentidos”. Na mesma perspectiva, Foucambert (1994, p. 142), diz que o ato de ler significa ser perguntado pelos outros e por si, ressaltando a importância da escola na transformação social, que se interessa pela pedagogia, e não meramente uma instituição de transmissão dos conhecimentos.

Vigotski nos diz que “[...] a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar” (VIGOTSKII, 2010, p.109). Isso se dá por meio da interação com o mundo, seja no grupo familiar, seja no envolvimento com a cultura do seu povo, propiciando o seu desenvolvimento, sua apropriação de conhecimentos e se constituindo como ser humano.

Desde o nascimento, as crianças estão em constante interação com os adultos, que ativamente procuram incorporá-las à sua cultura e à reserva de significados e de modos de fazer as coisas que se acumulam historicamente. No começo, as respostas que as crianças dão ao mundo são dominadas pelos processos naturais, especialmente aqueles proporcionados por sua herança biológica (VIGOTSKII, 2010, p. 27)

Para tanto, partindo da consideração de que a criança é um ser social, cultural e histórico, e não somente biológico (que fala, escuta, enxerga), é possível pensar em uma alfabetização humanizadora, em que os atos que ensinamos com a linguagem escrita possibilitam a emancipação do homem. Esta visão da criança que pensa, que reflete, que escolhe, que tem hipóteses, que se apropria do ato de ler e escrever e que constrói o seu conhecimento.

[...] quando a criança, com as suas perguntas, consegue apoderar-se dos nomes dos objetos que a rodeiam, já está inserida numa etapa específica de aprendizagem. Aprendizagem e desenvolvimento não entram em contato pela primeira vez na idade escolar, portanto, mas estão ligados entre si desde os primeiros dias de vida da criança. (VIGOTSKII, 2010, p. 110)

Novamente, Vigotski reitera o fato de que a criança inicia o seu processo de aprendizagem antes de sua entrada na escola. Logo é de suma importância que a escola esteja preparada para receber essa criança, compreendendo-a como ser social, que traz consigo uma bagagem cultural.

Conforme Ferreira (2010, p. 19), a história da alfabetização no Brasil passa por um percurso iniciado por volta do ano de 1549, com o advento da educação jesuítica, a qual não prospera, já que os índios adultos já tinham uma concepção de mundo, e portanto a tentativa de catequizá-lo era vista com resistência. Em decorrência disso, os jesuítas voltam-se para as crianças indígenas, que segundo estes, estavam mais propícias a aprender, pois os elementos da cultura ainda não estavam tão fortemente presentes.

[...] os padres da Companhia de Jesus foram obrigados, por imposição da realidade socioeconômica colonial, a incorporar à estrutura do colégio o nível de ensino elementar (escolas de bê-á-bá), cuja didática estava assentada no ensino mnemônico e contava com auxílio de recursos lúdicos, que misturavam elementos culturais ameríndios e europeus, como a música e o teatro. No âmbito da escola de bê-á-bá aprendiam-se as primeiras letras e as operações matemáticas elementares como instrumental básico para o processo de catequese, ou seja, de conversão à fé cristã. (FERREIRA, 2010, p. 24)

O método de ensino estava centrado na memorização do conhecimento, ou seja, utilizam o método mnemônico, na qual a leitura era feita por meio da memorização e repetição. Ferreira sintetiza o pensamento jesuítico do momento ao afirmar que:

Para eles, desde a infância, estava reservado apenas o trabalho braçal, acrescido de um pouco de instrução destinada às chamadas artes mecânicas, cuja aprendizagem se processava por meio da prática que as crianças realizavam imitando as habilidades desenvolvidas pelos adultos (FERREIRA, 2010, p. 27).

No período imperial, a educação escolar é para poucas pessoas e se consolida apenas nos grandes centros, segundo Ferreira: “a escola que tinha a função de transmitir os conhecimentos fundamentais ficou relegada a condições econômicas regionais desiguais” (FERREIRA, 2010, p. 46).

A questão do ensino da leitura e escrita, o debate sobre o movimento da língua e o jogo de suas estruturas conceituais perpassaram pelas escolas de primeiras letras do Brasil Imperial oitocentista. A questão dos métodos de alfabetização ao longo do Brasil Império perpassou discussões no campo da filologia, na medida em que disputavam acerca das matrizes na constituição da língua e da nação brasileira (MOTA et al., 2018, p. 18)

O contexto educacional no período da república, seguia o princípio constitucional referendado no artigo 72 da então Constituição Brasileira de 1891, que tratava acerca da

laicidade no ensino. Está evidenciado pela formação dos grupos escolares, cujo objetivo era educar para ler, escrever e contar, atrelado ao ensino do que era básico na ciência, história e geografia. Frise-se que nesse período, a escola ainda era para poucos, já que [...] “particularmente por serem urbanos, continuam sendo instituições de ensino elitistas, na medida em que os filhos dos ex-escravos e os brancos pobres ficaram excluídos da escolaridade” (FERREIRA, 2010, p. 56). Outro ponto a ser destacado, trata-se da ascensão do método de ensino-aprendizagem defendido por Caetano de Campos, denominado intuitivo, que segundo Ferreira:

Esse método, que surgiu na Alemanha do século XVIII e foi disseminado na Europa pelos seguidores de Pestalozzi durante o século XIX, partia do pressuposto de que o ensino deveria ser estruturado com base na percepção sensível desenvolvida pelos alunos, isto é, na interação que o aluno estabelecia com o objeto da aprendizagem ou com a sua representação. Ou seja, o método intuitivo partia da observação direta e imediata para fazer as crianças raciocinarem na presença do próprio objeto observado (FERREIRA, 2010, p. 56-57).

Não se solidificando, o método intuitivo sai do contexto, prevalecendo a memorização do conhecimento. Por volta de 1920, grande contingente de imigrantes europeus, que foram libertados da relação de trabalho vivenciada nas fazendas de café, chegaram aos centros urbanos, reivindicando dentre outras pautas, a escola para os seus filhos.

Portanto, os reformadores de tendência liberal eram inspirados pela crença de que a educação, pela multiplicação da escolaridade que incorporasse grandes camadas populares, poderia transformar-se no motor do “progresso nacional” (FERREIRA, 2010, p. 59).

Destaca-se aqui a fundação da Associação Brasileira de Educação - ABE, formada por professores, escritores, políticos, entre outras pessoas da sociedade civil organizada, promovendo debates, cursos, pesquisas e todo conteúdo voltado para a educação brasileira.

Os anos foram passando e cada vez mais, o que era um meio para atender os anseios políticos, passou a ser avaliado com base em dados estatísticos, já que se tinha como concepção que os países mais desenvolvidos, seriam aqueles que apresentaram índices altos de alfabetização. Temos aqui os chamados métodos sintético (com origem na soletração e silabação), analítico (tem como princípio o “todo” das palavras) e misto no qual [...] “a criança analisa e compreende textos e frases, liga sílabas para formar palavras e, ao mesmo tempo, juntar palavras e constrói frases”. (MOTA, 2018, p. 25).

A presente pesquisa surge do seguinte questionamento: quais diálogos e práticas pedagógicas são veiculadas no boletim de Alfabetização Humanizadora, sessão *De professor para professor*, em torno da temática alfabetização?

Desse modo, o objetivo principal deste artigo é analisar a práxis pedagógica e o debate em torno da temática alfabetização veiculado pelo boletim do Núcleo de Alfabetização Humanizadora - NAHum. Para tanto, tem-se como objetivos específicos: realizar uma revisão de literatura sobre a diferenciação entre o ler do dizer; identificar a importância e as implicações que essa diferenciação tem para a prática pedagógica e explorar os diálogos envolvidos no boletim Alfabetização Humanizadora, na sessão *De professor para professor*.

2 PRESSUPOSTOS INICIAIS

O presente capítulo apresenta uma revisão de literatura, reunindo os diálogos em torno da temática leitura. Para tanto, organizamos em duas partes: 2.1 Ler e dizer; e 2.2 Implicações para a prática pedagógica.

2.1 LER E DIZER

O primeiro contato da criança, é no seio familiar, de onde irá construir suas relações. Freire (1989, p. 11) retrata que sua constituição como ser humano nas relações familiares fora bastante simples, ao referir-se ao chão do quintal de sua casa, que serviu de base para que fosse alfabetizado; primeiro com as palavras do seu mundo.

Bajard (2014, p. 79), propõe a definição das seguintes terminologias: “Ler, para a atividade silenciosa de construção de sentido a partir do significante gráfico. Dizer, para a atividade de comunicação vocal de um texto preexistente”.

Tendo por base os autores acima citados, compreendemos que a composição da criança é forjada com a bagagem cultural de diferentes pessoas, nas relações que são construídas e ao longo de suas vidas.

A seguir, apresentamos a diferença entre ler e dizer, segundo Bajard (2014) e Foucambert (1994):

QUADRO 1 – Diferença entre ler e dizer.

Ler	Dizer
<p>“É tomar conhecimento de um texto gráfico.” (BAJARD, 2014, p. 24)</p> <p>“Ato silencioso e individual e tem como objetivo a elaboração de um sentido.” (BAJARD, 2014, p.117)</p>	<p>“Prática vocal e social do texto, cujo objetivo é a comunicação.” (BAJARD, 2014, p. 117)</p>

<p>“A leitura é a atribuição de um significado ao texto escrito: 20% de informações visuais, provenientes do texto; 80% de informações que provêm do leitor; o resto é informação sonora.” (FOUCAMBERT, 1994, p.8)</p>	<p>“É a opção de traduzir oralmente o que já foi compreendido na leitura.” (FOUCAMBERT, 1994, p.8)</p>
--	--

Fonte: Produzido pela autora, a partir dos textos de Bajard (2014) e Foucambert (1994).

2.2 IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Compreendo que ler e dizer são atividades distintas e como Bajard (2014, p. 82), afirma que “cada uma delas não pressupõe a presença da outra”, adentramos no campo dos efeitos que serão percebidos na prática do professor alfabetizador.

Alfabetizar com uma essência humanizadora, implica em saber que a proferição de um texto não é fruto de se ter decorado o texto, e sim que anteriormente foi necessário uma leitura. Outro ponto a ser observado é que agora, o professor entende que os chamados testes para avaliação do desempenho da leitura, conhecidos por “tomada de leitura”, não são parâmetros para revelar bons leitores, uma vez que a leitura é uma atividade silenciosa e “que não pode portanto ser avaliada de modo direto, mas somente por seus efeitos” (BAJARD, 2014, p. 83).

Ainda acerca da distinção do ato de ler e do ato de dizer, e como o professor deve está atento para interpretar os resultados em sala de aula, Bajard argumenta que:

[...] uma performance de cem metros de costas denota no nadador uma boa saúde; não saber nadar, contudo, não é sintoma de doença. Do mesmo modo, não saber dizer nem sempre está relacionado a um domínio insuficiente de leitura. (BAJARD, 2014, p. 83)

Em efeitos práticos, Bajard, nos direciona à reflexão de que uma proferição do texto considerada ruim pela sua má dicção, não é indicador de compreensão, tendo em vista que o aluno que proferiu o texto pode ser um bom leitor, mas um mau enunciador.

A prática pedagógica do professor alfabetizador pode perfeitamente fazer uso do dizer como estratégia para apropriação da cultura escrita, e isso se dar por meio da inserção do livro na escola, deixando a “[...] criança tatear, alongar os tentáculos, experimentar e cavar, inquirir e comparar, folhear livros e fichas, mergulhar a curiosidade nas profundezas caprichosas do

conhecimento, numa busca, às vezes árdua, do alimento que lhe é substancial”. (FREINET, 1996a, p. 82).

É por intermédio do dizer que chegaremos ao escrever, percorrendo três vias que segundo Bajard (2014, p. 84), são “dizer-ler-escrever”. Novamente retomamos o papel prioritário da escola, que deverá inserir os seus alunos na cultura escrita, sendo atuante na prática diária dessas três vias.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 ANÁLISE DOCUMENTAL

Conforme Mattar e Ramos (2021, p. 30), o surgimento das pesquisas voltadas para a área da educação no Brasil, provém de movimentos advindos da criação do Instituto Nacional de Pedagogia, hoje denominado Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Para tanto, o presente trabalho constitui-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, que segundo Flick (2008, p. 20), é de extrema relevância ao se estudar as relações sociais. As ideias centrais que norteiam a pesquisa qualitativa, promovem a reflexão de seus pesquisadores.

Igualmente, o procedimento adotado e o método de coleta de dados, trata-se de uma análise documental. Ludke (2013, p. 44), acrescenta que a análise documental é uma técnica que pode complementar informações advindas de outras técnicas, além de desvelar novos aspectos de um problema. Estão incluídos dentre os documentos que podem ser analisados, as leis, normas, arquivos de escolas, periódicos, entre outros.

Com a presente pesquisa, pretende-se ainda realizar revisão de literatura, que conforme Mattar e Ramos (2021, p. 37), esta tem como produto a síntese de pesquisas sobre determinada temática, promovendo ainda novos conhecimentos.

3.2 O NÚCLEO DE ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA - NAHum

O Núcleo de Alfabetização Humanizadora - NAHum, constitui-se por um grupo de educadores brasileiros que estudam acerca do ato de ler e escrever, assim como temáticas que envolvem a alfabetização das crianças, sob concepção de alfabetização humanizadora. O NAHum, tem como objetivos principais:

Ampliar as discussões teóricas e práticas sobre o processo de alfabetização no campo das ciências humanas e constituir um conjunto de conhecimentos, análises e

reflexões sobre a temática, que possibilitem uma visão e um posicionamento críticos frente às concepções defendidas nos documentos oficiais e presentes em certas práticas escolares que focalizam a língua como sistema formal de representação da linguagem humana. Promover debates teóricos e disseminar práticas para a criação de um movimento composto por professores de diferentes instâncias educacionais, na defesa de uma alfabetização humanizadora (NAHUM, 2022).

Fundado no ano de 2020, o boletim de Alfabetização Humanizadora - *Veze e voz às crianças*, pelos professores doutores em educação Dagoberto Buim Arena, Elianeth Dias Kanthack Hernandez e Stela Miller; divulga bimestralmente conteúdos relacionados à alfabetização, reflexões, práticas pedagógicas e relatos de professores.

Além das edições bimestrais do boletim de alfabetização, o Núcleo de Alfabetização Humanizadora tem em seu site de divulgação a aba Publicações que contempla:

QUADRO 2 – Conteúdos veiculados pelo boletim NAHum na aba Publicações.

CONTEÚDOS VEICULADOS NA ABA PUBLICAÇÕES	
Histórias	Narrativas com histórias brasileiras e estrangeiras, assim como histórias orais e suas versões escritas.
Podcasts	Programa de áudio chamado <i>NAHumCast</i> , tendo a alfabetização como temática central.
Artigos acadêmicos	Textos que fomentam a alfabetização humanizadora.
Vídeos	Vídeos produzidos pelos membros do Núcleo de Alfabetização Humanizadora.
Notícias	Divulgação de notícias sobre o universo da alfabetização humanizadora.
Práticas pedagógicas	Práticas pedagógicas que foram aplicadas na escola, tanto pelos membros do NAHum como por outros professores.
Vozes de casa	Relato de experiências vivenciadas no contexto familiar.
Tranças e trancinhas literárias	Apresenta vídeos de histórias com cenas teatrais.



Fonte: NAHum (2021), organizado pela autora

3.3 PERIÓDICOS ANALISADOS

A seguir, apresentamos um quadro contendo os 7 periódicos do boletim de Alfabetização Humanizadora – NAHum – *Veze e voz às crianças!* publicados entre novembro/dezembro de 2020 e novembro/dezembro de 2021, na sessão “*De professor para professor*”, coletados diretamente da página web de divulgação dos conteúdos do Núcleo de Alfabetização Humanizadora.

QUADRO 3 – Material da pesquisa.

Capa do Periódico	Edição	Ano	Título do Artigo	Autor	Instituição de Filiação
	Boletim n.1 Nov/Dez	2020	A hora e a vez de as crianças humanizarem-se.	Dra. Stela Miller	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP.
	Boletim n.2 Jan/Fev	2021	Linguagem escrita: um artefato histórico e cultural.	Dr. Dagoberto Buim Arena	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP.
	Boletim n. 3 Mar/Abr	2021	O B com A não fica BA...realmente!	Dra. Elianeth D. Kanthack Hernandes	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP.
	Boletim n. 4 Mai/Jun	2021	A alfabetização do faz de conta...	Dra. Adriana Pastorello Buim Arena	Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação - FAGED.
	Boletim n. 5 Jul/Ago	2021	A aprendizagem da escrita e os textos do cotidiano.	Dra. Érika Christina Kohle	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP.

	Boletim n. 6 Set/Out	2021	Ensinar a ler: aparência e essência.	Dr. Dagoberto Buim Arena	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP.
	Boletim n. 7 Nov/Dez	2021	Não à PNA... não só na educação infantil.	Dra. Suely Amaral Mello	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP.

Fonte: Construção feita pela própria autora (2022)

4 DIÁLOGOS VEICULADOS NO BOLETIM NAHUM EM TORNO DA TEMÁTICA ALFABETIZAÇÃO

Edição nº. 1 - A hora e a vez de as crianças humanizarem-se

"Humanizamo-nos à medida que nos educamos."(MILLER, 2020). Iniciamos nossas reflexões com a citação acima, sob a visão de que é preciso ter contato com os sujeitos sociais para nos apropriarmos e desenvolvermos como seres humanos. O artigo *A hora e a vez de as crianças humanizarem-se*, escrito pela doutora em educação Stela Miller, traz uma reflexão para os professores, apontando a gênese do processo de humanização, além de apresentar o enunciado como objeto de ensino da língua materna. Ainda dá ênfase ao papel da escola em proporcionar às crianças, um ambiente que as faça sentir-se envolvidas. Tal pensamento vai de encontro o que defende Miranda:

[...] a defesa é por uma educação que promova o desenvolvimento integral, e não apenas do aspecto intelectual. As experiências vividas na escola da infância precisam favorecer o desenvolvimento da percepção, da memória, do pensamento, das emoções, da vontade, da imaginação, da criação, do ser humano por inteiro (MIRANDA, 2020, p. 86)

A autora ainda descreve quais práticas pedagógicas devem ser inseridas no contexto escolar dessa criança, ao fazer referência a poemas, leituras literárias, brincadeiras, assim como permitir que a criança manipule materiais escritos.

Em se tratando da leitura, a atividade de professores e alunos concentra-se no desenvolvimento da compreensão dos signos expressos pelo enunciado fruto de um diálogo estabelecido entre o sujeito que o escreveu e o leitor que o recebe e a ele responde ativamente compreendendo sua mensagem e seus propósitos (MILLER, 2020).

Por fim, acrescenta quanto à importância de se realizar atividades que façam sentido aos alunos, e tal pode ser experimentada com o envolvimento nas mais diversas produções culturais.

Edição nº. 2 - Linguagem escrita: um artefato histórico e cultural

Para Arena (2021, p. 2), resposta ao questionamento: quais práticas têm por finalidade uma alfabetização humanizadora; pode ser respondida sob olhares de campos diferentes: das ciências da natureza ou das ciências humanas. No entanto, pensando na criança como ser sócio-histórico, nossas reflexões voltam-se para o campo das ciências humanas, onde encontramos a linguagem escrita.

Portanto, "a alfabetização cuida da humanização da criança em formação, pelo estudo e a apropriação da constituição gráfico-ideológica dos enunciados e do desenvolvimento de uma consciência gráfica" (ARENA, 2021, p.2). Para tanto, não se pode pensar só no alfabeto, e sim na gama de caracteres que estão disponíveis

Para ser possível uma alfabetização humanizadora, é fundamental que a criança se "aproprie do objeto culturalmente criado pelos homens" (ARENA, 2021, p.3), e isso de dar nas relações com a família, na escola e demais circunvizinhanças.

Edição nº 3 - O b com o a não fica ba...realmente!

O texto apresenta algumas linhas sobre os métodos de alfabetização que têm-se adotado na educação brasileira, chegando até à Política Nacional de Alfabetização, instituída pelo Decreto nº 99.765/2019, que tem como base o método fônico para a aprendizagem. É importante salientar que segundo Hernandez (2021): "[...] o som registra e constitui o sentido nas trocas orais, onde ele é elemento fundante, já para a escrita os elementos fundantes são os caracteres (letras e demais sinais gráficos)."

Segundo a autora, o objeto de ensino apresentado pelas políticas curriculares, é indefinido, já que em certo momento consideram os conteúdos como sendo o ponto central, e em outros, o aluno e uma terceira via, as competências e habilidades.

A linguagem escrita, na forma de enunciados, precisa ser oferecida aos alunos durante o ensino e a aprendizagem dos atos de ler e de escrever presentes nos diferentes gêneros textuais, porque ler e escrever são atos dialógicos que ocorrem entre sujeitos históricos e que, por isso mesmo, são fundamentais no processo de humanização dos homens (HERNANDES, 2021, p. 3).

Em relação às práticas pedagógicas divulgadas no texto, a autora reitera que a linguagem escrita deve ser ensinada nas relações humanas, propondo o uso de jornais, revistas e mensagens eletrônicas (contato amplamente com os diversos caracteres/signos).

Edição nº. 4 - A alfabetização do faz de conta...

Dialogando ainda no contexto da Política Nacional de Alfabetização, a autora do artigo faz referência a observância das políticas que estão sendo instituídas com o intuito de alfabetizar, salientando que a criticidade deve ser utilizada constantemente pelo professor, diante do que é implementado.

Os professores não podem fazer parte de uma manada mansa, conduzida por políticos alinhados aos objetivos da elite econômica e seus apelos televisivos. Não poderia haver lugar para um programa de alfabetização que condicionará os filhos de trabalhadores a permanecerem onde sempre estiveram, na miséria do pão-e-água. (PASTORELLO, 2021, p. 2).

Como reflexo, cita o movimento Comuna de Paris, movimento este caracterizado pela luta do entre trabalho e capital, no qual os trabalhadores reivindicavam dentre outros pontos, a educação. Oriunda desse momento histórico, nasce a escola de Jules Ferry, que literalmente propunha domesticar os filhos dos trabalhadores. Dessa forma, a burguesia não seria intimidada pelos movimentos contrários a ela.

A alfabetização idealizada pelo programa Tempo de Aprender é uma alfabetização do faz de conta. Faz de conta que a criança é tratada como futura cidadã inserida na comunidade dos adultos, mas ela não é sujeito de suas próprias produções; faz de conta que ela produz conhecimento apenas com a codificação e com a decodificação de palavras; faz de conta que a criança lê ao pronunciar palavras em voz alta sem compreensão (PASTORELLO, 2021, p. 3).

Ensinar a linguagem escrita pensando na humanização das crianças, significa apresentá-las ao contexto das relações humanas.

Edição nº. 5 - A aprendizagem da escrita e os textos do cotidiano

O artigo apresenta dados das políticas de educação implementadas tanto pelos governos de direita, como de esquerda, ao citar o Pró-letramento, o Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa e ainda o Programa Mais Alfabetização. O resultado é que todos não mudaram a realidade dos analfabetos no Brasil.

Neste contexto, para Kohle (2021), o Núcleo de Alfabetização Humanizadora tem como objetivo:

[...] contribuir para a reflexão acerca do processo de ensino-aprendizagem da linguagem escrita, defendendo o processo de apropriação de atos de escrita pelas

crianças, na perspectiva de Volóchinov, de Bakhtin e de Medvédev, por meio de textos vivos pelos quais se estabelecem as relações entre os usuários da linguagem escrita (KOHLE, 2021, p. 2).

Novamente é dado ênfase aos enunciados, propondo seu uso nos diferentes gêneros, de modo que a criança se aproprie da linguagem escrita. No que tange às práticas pedagógicas sugeridas pela autora, sugere-se a inserção de projetos que propiciem à criança a apropriação das formas de escrever.

Edição nº. 6 - Ensinar a ler: aparência e essência

O autor do artigo nos revela um considerável afastamento entre o que o professor se propõe a fazer, o objeto utilizado para ensinar e as avaliações para verificar o desempenho dos alunos, já que o retrato construído pela escola é de:

uma criança que olha as palavras dispostas em um suporte, sem intenção alguma, que não pensa, que pronuncia sem gaguejar, que escuta o que ela mesma pronunciou sem tropeços, e que ao final da tarefa sente estar cumprida a sua missão de ler, sem nada perguntar e nem respostas buscar (ARENA, 2021, p. 2).

Portanto, a verdadeira essência da apropriação da leitura, vem sendo do que é aparente e que há anos é ensinada nas escolas, na qual se ensina que saber ler é saber pronunciar os sons.

Edição nº. 7 - Não à PNA...não só na educação infantil

Mello (2021), apresenta duas vivências em suas pesquisas com a educação infantil na Espanha: uma escola rural multisseriada, na qual os alunos da educação infantil estavam inseridos na classe de 2ª e 3ª série, mas que tais crianças aprendiam a ler e escrever, sem grandes dificuldades porque “[...] essa professora apresentava a escrita para a educação infantil como uma língua viva, com a qual produziam história”. (MELLO, 2021, p. 2).

Na segunda vivência, em uma escola urbana, constata a professora tentando gesticular letras, “aquelas crianças estavam aprendendo a encontrar sons nas letras e não ideias ou informações em textos.” (MELLO, 2021, p.3), ocasionando a não alfabetização.

O grande questionamento seria: Como intensificar o desenvolvimento da criança, sem recorrer a metodização alienada da Política Nacional de Alfabetização? Mello (2021), afirma que seria “aprofundando as formas da atividade plástica, prática e lúdica” (MELLO, 2021, p. 2). As crianças precisam ser ensinadas em atividades que façam sentido e que promovam o seu desenvolvimento.

Com isso, ensinamos as crianças a buscar ideias – informações, sentimentos - nos textos lidos e a expressar experiências vividas nos textos escritos. E isso é bem diferente de procurar sons e letras num texto (MELLO, 2021, p.3)

O brincar, o desenhar, o falar, chega antes da escrita, e a medida que é estimulada a fazê-los, esta criança vai se aproximando e se apropriando do ler e do escrever.

4.1 O USO DOS ENUNCIADOS: POR UMA ALFABETIZAÇÃO QUE HUMANIZA

No decurso da análise dos boletins do NAHum, na seção *De professor para professor* percebemos a predominância do termo enunciado nos artigos analisados. Segundo Bakhtin (2003, p. 269) o enunciado é “a unidade real da comunicação” e nasce nos discursos coletivos. “Os enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 280). Isto significa que o enunciado pressupõe um ato de comunicação social, tendo em vista que existe uma interatividade entre os sujeitos.

Miller (2020), em *A hora e a vez de as crianças humanizarem-se*, explica que é por meio dos enunciados que nos relacionamos: “É pelos enunciados, concretizados nos diferentes gêneros discursivos, que interagimos com outros sujeitos, trocando ideias, informações, sentimentos, percepções [...]” (MILLER, 2020, p.2). Sugere que a criança sendo um ser social, traz consigo seus enunciados advindos das relações na família, no bairro, e em diversos outros ciclos sociais, e que alfabetizá-la na perspectiva humanizadora requer a compreensão disso.

Na edição nº. 2 do boletim, no artigo “Linguagem escrita: um artefato histórico e cultural”, Arena (2021), nos diz que é por meio dos enunciados e da consciência gráfica que se alfabetiza de forma humanizadora:

Por se situar no campo da educação, nas ciências humanas, e eleger a linguagem escrita como meio de trocas sociais, a alfabetização cuida da humanização da criança em formação, pelo estudo e a apropriação da constituição gráfico-ideológica dos enunciados e do desenvolvimento de uma consciência gráfica, isto é, um modo de pensar que percebe as funções dos caracteres, tão diversos quanto sejam as exigências das trocas, na criação e recriação de sentidos (ARENA, 2021, p. 2).

Para alfabetizar por meio das trocas sociais, não se pode pensar nas letras de forma isolada e nos sons que elas aparentemente apresentam; é o que Hernandes (2021) no artigo “O B com A não fica BA...realmente!” conclui ao referir-se à práticas de alfabetização voltadas à consciência fonológica: “Como, nessa perspectiva, não existe preocupação com os

enunciados, mas com a aprendizagem de sílabas e de sons das letras, o sentido fica secundarizado nesse processo” (HERNANDES, 2021, p. 3).

Isso implica que para ensinar os atos de ler e escrever, é fundamental ensinar os enunciados que estão ligados à vida. Como Queirós (2019, p. 62) afirma: “fundamental , ao pretender ensinar a leitura, é convocar o homem para tomar da sua palavra”. Na edição nº 4, o artigo A alfabetização do faz de conta, escrito por Pastorello (2021), deixa claro que “é preciso ensinar atos de leitura e a escrever enunciados vinculados à vida. Largar mão do faz de conta oficializado, da alfabetização para inglês ver” (PASTORELLO, 2021, p. 3).

No boletim de nº. 6, Arena (2021), ao escrever o artigo Ensinar a ler: aparência e essência, considera que:

Um bom leitor seria uma criança, um adolescente, um jovem ou um adulto que olha os enunciados escritos com a intenção de pensar, de formular perguntas para encontrar respostas a essas perguntas e também para dialogar, pela escrita, com quem escreveu os enunciados lidos (ARENA, 2021, p. 2)

E nessa troca de enunciados é que as crianças se humanizam quando encontram-se uma com as outras. “É esse encontro que se torna o objeto a ser ensinado pelo professor alfabetizador. Aí está o núcleo do ensino do ato de ler”. (ARENA, 2021, p.3). Esse pressuposto evidencia o que Bakhtin resume: “Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira; olhando para dentro de si, ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro” (BAKHTIN, 2006, p. 341).

Essa leitura dos enunciados, no ambiente escolar, familiar ou outro lugar de interação social, faz com que a criança leia os enunciados, e posteriormente aprenda a realizar outros atos, como por exemplo, a proferição.

4.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: O FAZER EM SALA DE AULA

Na análise documental realizada, ficou evidenciado nos artigos do NAHum, orientações acerca do fazer pedagógico, de como alfabetizar sob a perspectiva humanizadora. Nesse contexto, Celestin Freinet, em suas ideias acerca da pedagogia propõe:

Dê aos seus alunos ferramentas de trabalho, uma imprensa, linóleo para gravar, lápis de cor para desenhar, fichas ilustradas para consultar e classificar, livros para ler, um jardim e uma coelheira, sem esquecer o teatro e os fantoches — e a Escola será esse canteiro em que a palavra trabalho aparecerá em todo o seu esplendor, ao mesmo tempo manual, intelectual e social, no seio do qual a criança nunca se cansa de

procurar, de realizar, de experimentar, de conhecer e de subir, concentrada, séria, refletida, humana! (FREINET, 2004b, p.66)

Logo é necessário que a escola seja este lugar de encontro com função social, que exerce práticas que valorizam a apropriação da cultura escrita. O fazer em sala de aula pode ser construído a partir de:

[...] projetos de leitura e escrita de enunciados com função social, prevendo a destinação dos enunciados produzidos a leitores. previamente pensados, tendo como referências o conteúdo do enunciado, o gênero selecionado, as intenções, as características do destinatário (crianças, adultos, conhecidos, desconhecidos, etc.), as finalidades estabelecidas e outros condicionantes do discurso que possam ser considerados (MILLER, 2020, p. 3)

O fazer pedagógico deve está alicerçado em instrumentos e práticas significativas que promovam uma alfabetização humanizadora, para tal é necessário tatear, experimentar, como nos ensina Celestin Freinet.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise documental surgiu a partir do seguinte questionamento: quais diálogos e práticas pedagógicas são veiculadas no boletim Alfabetização Humanizadora, sessão *De professor para professor*, em torno da temática alfabetização? A partir dessa indagação, analisou-se 7 exemplares do Núcleo de Alfabetização Humanizadora – NAHum, nas publicações que compreendem o espaço temporal de dezembro de 2020 a dezembro de 2021.

A partir dessa pesquisa, chegamos aos seguintes resultados: os principais diálogos em torno da alfabetização veiculados nos boletins, voltam-se para a cultura de uma alfabetização humanizadora, que compreende a criança como ser social, que possui bagagem cultural na qual se fazem presentes enunciados, e que para se apropriar dos atos culturais da leitura e da escrita, utiliza esses enunciados.

Igualmente alfabetizar sob a perspectiva humanizadora, requer que a escola seja um espaço de reflexão, e que os professores estabeleçam uma nova relação entre as crianças e sua prática pedagógica.

Verificando os boletins, percebeu-se que todos os autores dos artigos da sessão *De professor para professor*, trazem para a nossa reflexão, questões basilares para a apropriação do ato de ler e escrever, com exemplos práticos que podem ser trabalhados em sala de aula.

O presente trabalho abre portas para uma pesquisa de campo, com a execução dessas práticas pedagógicas compartilhadas no Boletim de Alfabetização Humanizadora, apresentando os resultados advindos dessa gama de fazeres.

REFERÊNCIAS

- ARENA, Dagoberto Buim. Linguagem escrita: um artefato histórico e cultural. **Boletim de Alfabetização Humanizadora**: Vez e voz às crianças, Marília, n. 2, p. 2-3, jan. 2021. Bimestral. Disponível em: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-02-janeiro-fevereiro-de-2021/>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- ARENA, Dagoberto Buim. Ensinar a ler: aparência e essência. **Boletim de Alfabetização Humanizadora**: Vez e voz às crianças, Marília, n. 6, p. 2-3, set. 2021. Bimestral. Disponível em: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-06-setembro-outubro-de-2021/>. Acesso em: 24 jun. 2022.
- BAJARD, Élie. **Ler e dizer**: compreensão e comunicação do texto escrito. 6. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2014. 127 p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Reformulações do livro sobre Dostoiévski**. In: _____. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FERREIRA, Amarílio. **História da educação brasileira**: da colônia ao século XX. São Carlos: EdUFSCar, 2010. 123p.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.
- FREINET, C. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.
- FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1994. 157 p.
- HERNANDES, Elianeth D. Kanthack. O B com o A não fica BA...realmente! **Boletim de Alfabetização Humanizadora**: Vez e voz às crianças, Marília, , n. 3, p. 2-3, mar. 2021. Bimestral. Disponível em: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-03-marco-abril-de-2021/>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- KOHLE, Érika Christina. Aprendizagem da escrita e os textos do cotidiano. **Boletim de Alfabetização Humanizadora**: Vez e voz às crianças, Marília, n. 5, p. 2-3, ago. 2021. Bimestral. Disponível em: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-05-julho-agosto-de-2021/>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: Grupo Gen, 2018. 112 p.
- MATTAR, João; RAMOS, Daniela Karine. **Metodologia da pesquisa em educação**: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. São Paulo: Editora Almedina, 2021. 470 p.
- MELLO, Suely. Não à PNA... não só na educação infantil. **Boletim de Alfabetização Humanizadora**: Vez e voz às crianças, Marília, n. 7, p. 2-3, nov. 2021. Bimestral. Disponível

em: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-07-novembro-dezembro-de-2021/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

MILLER, Stela. A hora e a vez de as crianças humanizarem-se. **Boletim Alfabetização Humanizadora**: Vez e voz às crianças, Marília, n. 1, p. 2-3, nov./dez. 2020. Bimestral. Disponível em: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-01-novembro-dezembro-de-2020/>. Acesso em: 01 fev. 2022.

MIRANDA, Maria Auristela Barbosa Alves de. Apropriação de conceitos matemáticos e científicos na Educação Infantil. In: VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz *et al* (org.). **Educação infantil na perspectiva histórico-cultural**: concepções e práticas para o desenvolvimento integral da criança. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p. 79-91.

MOTA, Karla Rodrigues *et al* (org.). **A formação docente e a educação profissional e tecnológica**: pesquisas em foco. Jundiaí: Paco Editorial, 2018. 228 p.

PASTORELLO, Adriana. A alfabetização do faz de conta. **Boletim de Alfabetização Humanizadora**: Vez e voz às crianças, Marília, n. 4, p. 2-3, jun. 2021. Bimestral. Disponível em: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-04-maio-junho-de-2021/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. 2. ed. São Paulo: Editora Global, 2019. 128 p.

SOARES, Raquel Pereira. **O professor, a criança e a escrita**: um caminho metodológico. São Paulo: Pedro & João Editores, 2021. 361p.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11. ed. São Paulo, SP: Ícone, 2010.